

A refrega já durava quatro horas, entremeada de pausas angustiantes, às quais se seguia o recrudescer das saraivadas da metralha. Os gritos venciam as distâncias, e os toques dos clarins soavam irregulares, nervosos. O cozinheiro interpretava-os:

- Agora estão tocando *avançar artilharia*.

O chão tremeu com uma seqüência de canhonaços. Os ouvidos de Sandro ficaram zunindo. Seguiu-se uma resposta persistente dos obuses, mas tímida: alguém perdia as forças. Se o fim do mundo tivesse um lugar para acontecer, seria lá.

Meia hora depois estabeleceu-se um silêncio pressago, que todos entenderam como definitivo.

Ouvia-se um toque majestoso, em que cada nota possuía a solenidade das coisas muito pausadas. O cozinheiro ergueu o dedo:

- É o toque da *vitória*.

Sandro perguntou:

- E agora?

O outro arregalou os olhos e pôs a mão em lâmina na garganta, atravessando-a de lado a lado:

- Agora, meu capitão, é a hora da faca.

Sandro aprendeu, quase sem acreditar, o que era a degola.

- E quem venceu?

- A julgar pelos tiros, nós.

Veio um sargento a galope. Apeou, fez continência e confirmou que os inimigos estavam derrotados. Perguntou pela guarda e, informado da deserção, praguejou alto. Disse a que viera: trazia a ordem do major Praxedes para que Sandro fosse ter com eles, e urgente. E que levasse "a máquina". Ele, o sargento, iria guiando a charrete.

Pouco depois chegavam ao campo da batalha, à margem do rio.

Sandro não respirava: dezenas de cadáveres dispersos jaziam em posições excêntricas, despojados de tudo que fosse aproveitável. Um deles, bem próximo, trazia uma bota ainda calçada. Entremeavam-se aos montes de bosta e aos corpos desventrados dos cavalos. Vagava um cheiro queimado de pólvora. As moscas grudavam-se à pele. Aqui e ali, ardiam fogueiras. A terra coalhava-se de restos confusos: estopins, projéteis deflagrados, bandeiras em trapos, tambores, cartucheiras vazias, cantis, malotes rotos. Os moribundos estertoravam em meio a lagos de sangue. Ninguém os atendia. Dois corvos pousavam nos ramos de uma pitangueira. Os frágeis ramos vergavam.

Então, o sublime: o instinto alegórico de Sandro Lanari fez surgir dentre as nuvens o negro Anjo da Morte soando a tuba do Apocalipse, ruflando suas amplas e silenciosas asas de prata sobre a mortandade. O rosto possuía traços gregos, e as órbitas dos olhos fixavam muito além dos tempos. Em sua ronda, recolhia as almas que se erguiam dos corpos, uma a uma, e as conduzia num lento cortejo, penetrando a massa das nuvens e desaparecendo nos céus.

Levaram-no à frente do major. A imagem do Anjo era muito forte no espírito de Sandro.

Praxedes tinha um ferimento na testa. O sangue descia até as sobrancelhas.

- Trabalhe.

O trabalho era registrar o teatro de operações. Iriam mandar as fotos para o Presidente do Estado.

- E o meu índio?

O major mandou saber, e vieram com a informação: salvara-se sem moléstia maior, e estava tomando banho no rio.

Sandro então retirou o seu material da charrete, preparou as chapas, armou o tripé, ajustou-lhe a câmara. O sargento levou-a para um lugar mais elevado.

Bateu duas chapas. Via, atrás da máquina: as pessoas ficavam pequenas como gravetos e não sofriam. O campo de batalha transformava-se num quadro de amenidades.

Num desvão de mato altearam-se risos debochados.

- O que é isso?

- É o Adão Latorre que está degolando - disse o sargento. - Já se foram mais de dez. - Teve uma idéia. - Vamos até lá, capitão. - E agarrou a câmara e o tripé.

Vencendo a repugnância e o medo, Sandro fascinou-se pela possibilidade de viver uma experiência monstruosa.

À frente de um grupo de soldados erigia-se o vulto sombrio de Adão Latorre. Era uma pausa na carnificina. Latorre tinha o torso nu, lavado em sangue. Os cabelos empastavam-se de suor. Limpou a testa com as costas da mão que empunhava a faca. Era uma faca pequena, infantil. Entregaram-lhe um jovem de rosto digno, barba cerrada. Na Europa, poderia ser um príncipe. Em meio a insultos obrigaram-no a ajoelhar-se. Latorre veio por detrás. Em sua mão, a faca luziu. Com ela bateu de leve no nariz do prisioneiro. Surpreendido, ele alçou a cabeça. Num movimento rápido, Latorre cortou-lhe as carótidas. O homem tombou para a frente, rendendo-se à morte como se a esperasse desde o nascimento. Os esguichos de sangue pulsavam, ampliando a enorme mancha escura do chão. Os soldados riam. Um deles chutou o flanco do moribundo.

Latorre limpou a testa mais uma vez. Ao fazer isso, ergueu o rosto. Corria uma penumbra de maldade naquela mirada.

O sargento disse a Sandro que batesse uma chapa.

- Sim... - o olhar de Latorre o magnetizava.

Acertou a lente objetiva na câmara, cobrindo-a com o obturador. Ajustou a posição do tripé. Seus dedos mal obedeciam. Todos esperavam, estáticos e intrigados. Veio para detrás do pano preto. Na escuridão, via tudo pela imagem invertida. Focou. Pôs uma chapa virgem no encaixe.

Traziam mais um para ser morto. Era um homem forte, apolíneo. Seus músculos rasgavam as costuras. Mandaram que se abaixasse. Como relutasse, sujeitaram-no, colocando-o de joelhos.

Latorre se preparava.

- Não! - Sandro destapou-se, levantou o braço, gritou. - Não!

Latorre suspendeu o movimento. Hirto de terror, o prisioneiro fixava a câmara.

Deu-se uma aberta de sol. Sandro tirou o obturador, fechou-o. E num único gesto, Adão Latorre degolou o prisioneiro.

A última imagem, aquela que o desgraçado levaria para a eternidade dos séculos, foi a de Sandro Lanari, o braço erguido, na atitude de quem deseja impedir algo.